

**REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS SOBRE A EXTENSÃO: O PROJETO DE  
REALIZAÇÃO DO 18º CONGRESSO MUNDIAL DA IUAES NA UFSC<sup>1</sup>**

***Anthropological reflections on extension: the Support project for the 18th  
IUAES World Congress at UFSC***

Simone Lira da Silva

Professora Substituta Departamento de Antropologia UFSC, Brasil.

E-mail: [simoneliradasilva@gmail.com.br](mailto:simoneliradasilva@gmail.com.br)

Miriam Pillar Grossi

Professora Titular do Departamento de Antropologia da UFSC, Bolsista 1 B CNPq, Presidenta ANPOCS (gestão 2019/2020), Coordenadora geral do Instituto de Estudos de Gênero (IEG - UFSC), Coordenadora do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS-UFSC), Brasil.

Email: [miriamgrossi@gmail.com](mailto:miriamgrossi@gmail.com)

Maria Luiza Scheren

Graduanda em Antropologia – UFSC, Brasil.

E-mail: [mluizascheren@gmail.com](mailto:mluizascheren@gmail.com)

Caroline Amábile Vale dos Santos

Graduação em Relações Internacionais -UFSC, Brasil.

E-mail: [carolamabileee@gmail.com](mailto:carolamabileee@gmail.com)

Gabriela Alano Tertuliano

Graduanda em Ciências Sociais – UFSC, Brasil.

E-mail: [tertu.gabi@gmail.com](mailto:tertu.gabi@gmail.com)

Filipe Tchinene Calueio Angolano

Graduado em teologia, em segurança do trabalho (Uniasselvi) e em Relações internacionais (UFSC), mestrando em Desenvolvimento Regional FURB, Brasil.

E-mail: [ecalueio@gmail.com](mailto:ecalueio@gmail.com)

**Áltera**, João Pessoa, v. 2, n. 9, p. 55-82, jul./dez. 2019

ISSN 2447-9837

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 54 Políticas, etnografias e campos da extensão universitária na antropologia brasileira, na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF. Agradecemos os comentários das coordenadoras, Luciana Gonçalves de Carvalho (Ufopa) e Luciana de Oliveira Chianca (UFPB) e dos debatedores e participantes do respectivo GT.

**RESUMO:**

Este artigo reflete sobre o potencial pedagógico que projetos de extensão oferecem à aprendizagem da Antropologia em espaços fora da sala de aula. Neste trabalho, apresentamos o projeto de extensão “Apoio e realização do 18º Congresso Mundial da IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences)”, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina entre 16 e 20 de julho de 2018 em Florianópolis, coordenado pela professora Miriam Pillar Grossi. O objetivo do projeto era proporcionar apoio às atividades relativas à organização do referido congresso e formar estudantes na organização de eventos bem como inseri-los de forma diferenciada no campo de saber das ciências humanas e sociais, mais especificamente da Antropologia. Refletimos neste artigo sobre o potencial pedagógico desta ação de extensão, trazendo relatos das experiências de aprendizado de nossa equipe multidisciplinar (composta por estudantes dos cursos de graduação em Antropologia, Ciências Sociais, Relações Internacionais, Letras e Museologia).

**PALAVRAS-CHAVE:**

Extensão. Antropologia. Ensino. Pesquisa. Internacionalização.

**ABSTRACT:**

This article reflects on the pedagogical potential of extension projects. The project offered the learning of anthropology in spaces outside the classroom. In this work, we present the project of extension: “Support and realization of the 18th World Congress of the IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences)”, held at the Federal University of Santa Catarina from July 16 to 20, 2018 in Florianópolis, coordinated by the teacher Miriam Pillar Grossi. The objectives of the project were to provide support for the activities of organizing the congress and to train students in the organization of events as well as to insert them in a differentiated way in the field of knowledge of the social sciences, more specifically of anthropology. We will reflect on the pedagogical potential of this extension action, bringing reports of the learning experiences of our multidisciplinary team (composed of undergraduate students in Anthropology, Social Sciences, International Relations, Literature and Museology).

**KEYWORDS:**

Extension. Anthropology. Teaching. Research. Internationalization.



## INTRODUÇÃO

Analisamos neste artigo os impactos do projeto de extensão cujos objetivos foram a organização e a realização do 18º Congresso Mundial da IUAES (*International Union of Anthropological and Ethnological Sciences*), que ocorreu entre 16 e 20 de julho de 2018, em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Refletimos sobre o processo de aprendizagem proporcionado pelo projeto de extensão à equipe multidisciplinar, composta por estudantes dos cursos de graduação em Antropologia, Ciências Sociais, Relações Internacionais, Letras e Museologia; bem como sobre a importância dessa atividade na articulação de redes acadêmicas internacionais da Antropologia brasileira.

Entendemos, a partir dos princípios desenvolvidos pelo Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação (GEEMPA)<sup>1</sup>, que a aprendizagem é um processo necessariamente reflexivo, produzido pela formulação e pelo teste de hipóteses, e que articula o indivíduo com o social,. Assim, munidos de lentes das teorias educacionais pós-construtivistas, traçamos algumas reflexões sobre a construção do conhecimento – teórico e prático – proporcionado pela experiência de atuação da equipe de bolsistas da secretaria na organização do 18º Congresso mundial da IUAES na UFSC.

Adotamos para a escrita uma estratégia dialógica e multivocal para incluir no texto diferentes pontos de vista e análises realizadas por cada estudante envolvido/a no projeto de extensão. Entendemos por perspectiva dialógica os modelos de escritas analisados por James Clifford (2011) e que ressaltam precisamente aqueles elementos discursivos entre dois ou mais indivíduos. Embora James Clifford (2011) ressalve que a escolha por um texto inspirado em romances polifônicos possa se configurar também em outras formas de autoridade, identificamos nesse tipo de narrativa uma possibilidade de elencar a pluralidade de vozes envolvidas nesse processo de produção de conhecimento, principalmente porque alguns/algumas dos/as interlocutores/as, nesse caso, também eram autores/as.

Essa narrativa, construída coletivamente, implicou no desenvolvimento de uma metodologia de escrita, que se caracterizou por diferentes temporalidades. Articulamos períodos destinados a aprofundar, em reuniões presenciais, os tópicos a serem abordados no texto, com períodos destinados à escrita. Como metodologia de

---

<sup>1</sup> História, metodologia, produtos e livros do GEEMPA podem ser consultados em <<https://geempa.com.br/o-geempa/>>.



escrita coletiva, utilizamos a plataforma Google Docs<sup>2</sup>, que permite a várias pessoas escreverem à distância um texto comum.

Atribuímos a cada autor/a a responsabilidade de desenvolver um dos temas definidos para serem abordados no artigo. Esses temas estavam de acordo com as atividades específicas desenvolvidas pelos/as autores/as no decorrer da organização do evento, ou com aquelas com as quais tiveram maior grau de envolvimento em função de suas aptidões individuais e mesmo de suas áreas de formação. Neste sentido, os estudantes de graduação que são coautores deste texto escreveram a partir das diferentes responsabilidades que assumiram na secretaria do *18th IUAES World Congress*. Este processo se deu respeitando seus diferentes graus e áreas de formação, treinando-os/as no processo de escrita acadêmica. Parte das contribuições enviadas por membros da equipe que não participaram até o final da escrita do artigo continuam no texto em forma de depoimentos<sup>3</sup>.

O texto possui a seguinte estrutura: no item 2, apresentamos a IUAES (*International Union of Anthropological and Ethnological Sciences*), seus congressos e a constituição da equipe responsável pela organização da 18ª edição. No item 3, “O que se faz na organização de um congresso Mundial também é um ato político”, discorreremos sobre como foram a organização e a tomada de decisões das principais atividades que estavam sob o encargo da equipe que trabalhou no projeto de Extensão. Na sequência, a parte mais extensa do texto aborda as análises elaboradas pelos envolvidos no projeto de extensão sobre sua própria atuação e a forma como o processo de aprendizado foi possibilitado por essa experiência. Trata-se de uma reflexão sobre diferentes aspectos: trabalho em equipe, desenvolvimento de autonomia, contato com o outro, formação profissional e formação no campo de Antropologias mundiais.

---

<sup>2</sup> O Google doc é um pacote de aplicativos, disponibilizados gratuitamente e que pode ser acessado por todos que possuam uma conta gmail. Esse aplicativo dispõe de ferramentas de produção e edição textual que funcionam de forma síncrona e assíncrona, permitindo que várias pessoas possam fazer edições no texto ao mesmo tempo. Todos os usuários podem ver as alterações sendo realizadas mesmo a quilômetros de distância.

<sup>3</sup> Agradecemos as colaborações, revisões e feedback dados ao texto pelos colegas dos núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) e Núcleo de Estudos de Povos Indígenas (NEPI), em especial Leonardo de Miranda Ramos e Alexandra Eliza Vieira Alencar. Também agradecemos as contribuições recebidas dos coordenadores e colegas que participaram do Grupo de Trabalho 54 da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia onde este texto foi apresentado inicialmente em dezembro de 2018. E, principalmente, agradecemos os depoimentos e debates proporcionados pelos colegas Ivi Porfírio e Gabriel Dario Lopez Zamora Durante o estágio no projeto e também na fase inicial de elaboração deste artigo.



## O 18º CONGRESSO MUNDIAL DA IUAES NO BRASIL

### História da IUAES e seus congressos

O *Congresso Mundial da IUAES* foi realizado pela primeira vez em 1934, em Londres, mas ainda não se chamava *IUAES World Congress*. Desde então, normalmente tem sido realizado a cada cinco anos, com diferentes denominações. Antes do Brasil, os últimos congressos mundiais haviam ocorrido em 2013 em Manchester (Inglaterra) e em 2009 em Kunming (China). Esta foi a primeira edição do *IUAES World Congress* em um país da América do Sul, tendo sido realizado anteriormente na América do Norte (México, Filadélfia, Chicago, Williamsburg, Quebec e Vancouver).

A IUAES, uma das mais antigas organizações científicas mundiais nos campos das humanidades, reúne cientistas e instituições que trabalham com antropologia e etnologia, arqueologia e/ou linguística – os quatro campos da Antropologia, segundo o modelo criado por Franz Boas no início do século XX nos Estados Unidos. Seu objetivo é aumentar o intercâmbio e a comunicação entre acadêmicos de todas as regiões do mundo, em um esforço coletivo para expandir o conhecimento humano<sup>4</sup>.

A história dos congressos mundiais de Antropologia envolve inúmeras articulações e uniões. Apesar de existir desde 1934 e ter realizado um segundo evento em 1938, será em 1948, após o final da 2ª Guerra Mundial, que a *International Union of Anthropological and Ethnological Sciences* se articulou com o grupo que organizava os congressos e eles passaram a se intitular *International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences* (ICAES). O próximo congresso está previsto para 2023 em Bhubaneswar, Índia. Em sua história, o evento aconteceu nas seguintes cidades e países:

---

<sup>4</sup> Essas informações foram retiradas da página oficial da IUAES disponível em: <<https://iuaes.org/index.html>>. Acesso em 22 out. 2018.



	<b>Cidade/País</b>	<b>Ano</b>	<b>Cidade/País</b>	<b>Ano</b>	
1°	Londres/ Reino Unido	1934	10°	Delhi/ Índia	1978
2°	Copenhague/ Dinamarca	1938	11°	Quebec e Vancouver / Canadá	1983
3°	Bruxelas/ Bélgica	1948	12°	Zagreb/ Iugoslávia	1988
4°	Vienna/ Austria	1952	13°	Cidade do México/ México	1993
5°	Filadélfia/ Estados Unidos	1956	14°	Williamsburg/ Estados Unidos	1998
6°	Paris/ França	1960	15°	Florença/ Itália	2003
7°	Moscou/ Rússia	1964	16°	Kunming/ China	2009
8°	Tóquio/ Japão	1968	17°	Manchester/ Reino Unido	2013
9°	Chicago/ Estados Unidos	1973	18°	Florianópolis/ Brasil	2018

**Tabela 1.** País e ano de realização dos IUAES World Congress

Fonte: Criada pelos autores com base em dados publicados pelo site da IUAES (<https://iuaes.org/congresses/index.html>).

## A organização do 18th IUAES World Congress no Brasil

O *18th IUAES World Congress* foi sediado no Brasil pela UFSC, instituição pública e gratuita, cujo objetivo é de “promover o ensino, a pesquisa e a extensão”<sup>5</sup>. Portanto, o projeto cumpriu com o papel social da instituição, na medida em que facilitou a ocupação de espaços públicos, democratizando a difusão do conhecimento. A candidatura para que o *18th IUAES World Congress* acontecesse na UFSC foi feita em 2013 pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), representada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miriam Pillar Grossi, vice-presidente da IUAES, ex-presidente da ABA e professora titular do departamento de Antropologia da UFSC.

Para a organização do congresso na UFSC, foram constituídas 24 comissões organizadoras<sup>6</sup> compostas por professores/as, estudantes de graduação e pós-graduação, bem como outros membros da comunidade acadêmica. O envolvimento da comunidade acadêmica foi, portanto, indispensável. Todos/as, atuaram no sentido

<sup>5</sup> Informações sobre a UFSC estão disponível em: <<http://estrutura.ufsc.br/>>, Acesso em: 22 out. 2018.

<sup>6</sup> Além da coordenação geral e da secretaria, havia outras 24 comissões organizadoras: Comissão infraestrutura, Comissão de tradução, Comissão de Programação, Comissão Editorial, Comissão de Monitoria, Comissão de Comunicação, Comissão de Cultura, Comissão de Festa, Comissão Instalações Artísticas, Comissão de Experiências Antropológicas, Comissão de Bem-Estar, Comissão de Crianças, Comissão de Alimentação, Comissão de Hospedagem Solidária e Alternativa, Comissão Lançamento de livros, CDs, DVDs, revistas, Comissão da Licenciatura Indígena, Comissão de articulação com comunidades indígenas, quilombolas e ciganas, Comissão feira de artesanato, Comissão de organização do encontro da rede global de antropologia feminista, Comissão acessibilidade, Comissão coordenadores/as pré e pós eventos, Comissão Universidade do Estado de Santa Catarina, Comissão Instituto Federal de Santa Catarina, Comissão audiovisual e mostra de fotografias.



de integrar a produção científica das instituições de ensino e pesquisa ao contexto social – a razão de ser dos projetos de extensão. Esse exercício foi, em si, uma forma de produzir conhecimento sobre as diferenças culturais, sobre o que era o congresso, sobre a Antropologia no Brasil e no mundo e sobre as dinâmicas e nuances dos processos políticos desse campo de produção científica.

Já em julho de 2017 constituiu-se uma primeira equipe de secretaria, composta de quatro pessoas – uma pós-doutoranda, uma graduada em Ciências Sociais e dois estudantes de graduação em Antropologia e Ciências Sociais que, com a Profa. Miriam Grossi, organizaram o espaço físico e os equipamentos necessários para o desenvolvimento do projeto; trabalharam na identidade visual do congresso; escreveram projetos para agências financiadoras; elaboraram as normas de submissão de trabalhos e inscrição; contrataram a empresa que forneceria a web página para o congresso; estabeleceram diversas articulações políticas entre a diretoria da IUAES e da ABA; planejaram e adaptaram o cronograma do congresso.

A equipe de bolsistas da secretaria foi formada no início do primeiro semestre de 2018, com a seleção, pela coordenação local do congresso, de sete bolsistas, alunos e alunas de graduação da UFSC. No decorrer do semestre, outras seleções foram realizadas para atender a novas demandas, derivadas da saída de alguns membros da equipe. Durante o ano de 2018, passaram pela secretaria treze bolsistas. Devido ao grande fluxo de trabalho, os/as novos/as integrantes foram rapidamente integrados/as à rotina e estimulados/as a buscarem autonomamente resolver as demandas que chegavam por e-mail e as dificuldades técnicas na elaboração dos diversos materiais de divulgação do congresso, tais como cadernos de programação, folders das atividades, elaboração de tabelas de distribuição das atividades por sala e horários de trabalhos dos monitores.

Entendemos que houve uma proposta educacional muito clara – e muito cara – na formação da equipe de bolsistas: ampliar o escopo de envolvidos/as a fim de possibilitar o seu contato direto com o pensamento antropológico mundial na atualidade; isto é, difundir o conhecimento de maneira democrática por meio do intercâmbio cultural e da formação de redes internacionais de pesquisadores/as. Os depoimentos a seguir relatam ações cotidianas do trabalho dos/das estudantes bolsistas na secretaria do *18th IUAES World Congress*, que ilustram os resultados desse projeto de extensão.



## O QUE SE FAZ NA ORGANIZAÇÃO DE UM CONGRESSO MUNDIAL TAMBÉM É UM ATO DE POLÍTICA ACADÊMICA

A equipe da secretaria esteve à frente de um número impressionante de demandas como: a) atendimento aos congressistas; b) gerenciamento do sistema de inscrição e do banco de dados com os trabalhos enviados para avaliação; c) produção do material de informação divulgado no site do congresso; d) encaminhamento à comissão de tradução de textos e mensagens em língua estrangeira; e) contato com as embaixadas brasileiras no exterior para facilitar a liberação dos vistos; f) atendimento às solicitações de uma enorme equipe que compunha as comissões organizadoras g) organização e programação do evento e dos trâmites junto às gráficas para a produção das programações impressas; h) priorização, durante o congresso, do atendimento presencial e individualizado do público; i) e, no pós congresso, organização dos artigos que compuseram os quatro volumes de anais do evento<sup>7</sup> e escrita dos relatórios de prestação de contas para agências financiadoras e para as associações promotoras do evento.

Nas páginas seguintes tentamos relatar como algumas dessas funções foram executadas pela equipe e como cada uma delas potencializou o processo de ensino e aprendizagem que extrapolam os limites das salas de aula. Também perpassam o próximo item a formação e a constituição de novas políticas acadêmicas de inclusão e democratização do conhecimento.

### Gerenciamento dos e-mails

O atendimento aos congressistas por meio do endereço de e-mail [secretariat@iuaes2018.org](mailto:secretariat@iuaes2018.org) foi a atividade que, de longe, ocupou a maior parte de nosso tempo. Este atendimento foi iniciado em julho de 2017 e recebemos 10.897 mensagens entre 01/07/2017 e 02/11/2018. Foram respondidas individualmente 6819 mensagens, que exigiam muitas vezes um tempo considerável de nossa equipe, uma vez que grande parte delas provinha do exterior e exigia respostas em inglês, espanhol e francês, as 3 línguas estrangeiras oficiais do congresso.

Uma parte significativa dessas mensagens, um pouco mais do que 3 mil, veio como respostas automáticas às nossas Newsletters e a mensagens repetidas, erro

<sup>7</sup> Os Anais do congresso, com revisão e formatação realizada pela equipe, podem ser acessados no endereço: <[https://www.pt.iuaes2018.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=766](https://www.pt.iuaes2018.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=766)>. Devido ao grande volume de páginas, o arquivo foi dividido em 4 volumes organizados pela ordem alfabética do primeiro nome do autor principal de cada artigo.



comum quando a mensagem era enviada pela plataforma de contato do site. Mesmo assim, o seu gerenciamento implicava em ter alguém responsável por identificar e deletar tais mensagens de erro.

As principais demandas recebidas por e-mail eram: a) pedidos por prorrogação de prazos de inscrição e de submissão de trabalhos; b) dúvidas sobre como fazer o pagamento e sobre a submissão de trabalhos completos; c) envio de trabalhos fora do prazo para serem incluídos na programação; d) pedidos de reservas de espaço para reuniões de diversas comissões, grupos ou redes; e) solicitação de recibos/declarações de pagamento e certificados; f) pedidos de carta de aceite para requerimento de vistos; g) dúvidas sobre a cidade, clima, hotéis e locomoção; g) problemas para efetuar o pagamento (aos estrangeiros só foi permitido pagamento via Paypal); h) solicitações de reembolso de inscrições; i) pedidos por auxílio de custos; j) pedidos de alterações na programação do congresso, tais como fusão de painéis, ampliação do número de sessões e data/horário das mesas, e inclusão de novos integrantes.

A resposta aos e-mails envolvia muito tempo e habilidade de negociação com as pessoas que estavam do outro lado da rede. Uma parte significativa das interações envolvia solicitações bastante complexas de alteração das regras acadêmicas do congresso. Conseguir se posicionar de forma a permitir a presença de todos os interessados e manter minimamente o já acordado com as outras milhares de pessoas inscritas era sempre um equilíbrio difícil de obter. Caroline, uma de nossas estagiárias, relata um desses casos em que esteve mais diretamente envolvida, para dar uma dimensão da complexidade de tradução cultural que as respostas aos e-mails exigiam:

Um participante de país africano, ao receber e-mails da secretaria com a finalidade de divulgar o evento, acreditou que se tratava de um convite específico à pessoa dele. Esse mal-entendido fez com que acreditasse que todos os seus custos de viagem e hospedagem seriam pagos pelo congresso. Houve uma intensa troca de mensagens para desfazer o mal-entendido e, ao mesmo tempo, instruir o congressista sobre o edital de financiamento internacional, no qual ele poderia ganhar auxílio financeiro para hospedagem e alimentação. Mesmo após ser aprovado no edital de financiamento de hospedagem e alimentação, o participante insistia que o congresso deveria realizar o custeio das passagens. Felizmente, devido à desistência de um dos pesquisadores africanos que estava sendo financiado, foi possível atender a demanda do participante, meses depois de seu pedido inicial. (Caroline, estudante de Relações Internacionais).

## **Administração e gerenciamento das inscrições**

Diretamente ligados às respostas aos e-mails estavam a administração e o gerenciamento dos dados de inscrições e submissões de trabalho, todas realizadas pelo



sistema do site, desenvolvido pela empresa Dype Soluções – com a qual a Associação Brasileira de Antropologia trabalha há vários anos<sup>8</sup>. No entanto, em diferentes países do mundo houve obstáculos para o acesso do formulário e do próprio sistema, seja pela dificuldade de tradução dos dados que precisavam ser preenchidos, seja pelo tipo de site que cada país permite ser acessado. Além disso, as diferentes taxas de inscrição, resultantes dos acordos realizados entre a ABA e a IUAES, não eram compreensíveis para os congressistas.

No sentido de ajudar as pessoas a fazerem suas inscrições, diversas medidas foram tomadas. A divulgação das formas de inscrições foi realizada através da página do congresso (<https://www.pt.iaaes2018.org/?lang=pt-br&liberado>), do sistema de Newsletter e das redes sociais (<https://www.facebook.com/iaaesbrazil/>). Além de material com o passo a passo de como se inscrever, também foram elaborados vídeos de orientação. Esse material foi disponibilizado online<sup>9</sup> e seus endereços encaminhados nas mensagens enviadas aos/às congressistas. O somatório das visualizações desses materiais ultrapassa 1500 acessos.

A equipe também realizou a inscrição de muitas pessoas por conta de dificuldades técnicas do próprio sistema ou por estarem em países que não permitiam o acesso a sites como o nosso. Pesquisadores/as da China e da Rússia foram os que tiveram maiores problemas, tanto na realização da inscrição, quanto no seu pagamento. Além de realizarmos a submissão online dos trabalhos enviados por e-mail, também alteramos o prazo de pagamento para que esses/as pesquisadores/as pudessem pagar suas inscrições durante o congresso, presencialmente.

Esse trabalho não era uma mera rotina administrativa, tratava-se antes de tudo de decisões políticas para atender a uma série de reivindicações de um público que se sentiu inicialmente excluído do congresso. Estudantes, por exemplo, questionavam os valores cobrados, já que seria realizado em uma universidade pública brasileira. Desse tipo de demanda se originou o edital de seleção de monitores, que previa a isenção das inscrições para as pessoas que se dispusessem a monitorar o evento.

Também havia reivindicações de populações nativas e minorias étnicas para poderem participar do congresso, o que defrontava a Antropologia com seu maior desafio contemporâneo: não estudamos apenas na aldeia, estudamos também com a aldeia e nesse momento a aldeia frequentemente nos estuda. O volume organizado por Ribeiro e Scobar (2012) parte da premissa de que a globalização permitiu que “os objetos de estudo” da Antropologia, os povos nativos do planeta, passassem

<sup>8</sup> Mais detalhes sobre a empresa acessar <https://www.dype.com.br/>.

<sup>9</sup> Os vídeos tutoriais produzidos para auxiliar no processo de inscrição podem ser encontrado online nos seguintes endereços <https://www.youtube.com/watch?v=4IMmwC1JWas&t=11s> e <https://www.youtube.com/watch?v=bnieIqAyoH8>.



à posição de sujeitos. Será? Se sim, qual a real amplitude disso? Dar voz aos nossos objetos de estudos, algo tão defendido do ponto de vista político de nossa disciplina, estava completamente fora dos padrões de organização de eventos desse porte historicamente. Novamente, intensos diálogos entre a coordenação local e associação responsável pelo congresso foram travados até que finalmente se decidiu, dois meses antes do congresso, criar uma nova modalidade de inscrição, *Native and ethnic-minority population*, que não só permitia a participação de pessoas autodeclaradas pertencentes a populações nativas e minorias étnicas com ou sem formação universitária, como também era isenta de taxas.

Para muitos de nós, essas mudanças geravam transtorno e trabalho duplicado, mas aos poucos, fomos nos dando conta de sua importância, percebendo como a função administrativa era a menor das questões em jogo quando se tratava da elaboração desses documentos. Essas regras tinham por finalidade incluir novos atores sociais dentro da Antropologia mundial. A comissão organizadora do congresso também assumiu uma postura política de inclusão de estudantes de graduação e pós-graduação das instituições de ensino superior brasileiras, assim como a inclusão de profissionais da área da Antropologia recém-formados ou com condições financeiras reduzidas – tudo através de editais de financiamento e de isenção da adesão. A dispensa de pagamento foi aplicada a todos os estudantes que se prontificaram a atuar como monitores (aproximadamente 300 estudantes) durante o congresso e a todos os que se autodeclararam povos nativos ou minoria étnicas (78 pessoas). Já os editais de financiamento de hospedagem e alimentação beneficiaram em torno de 80 pessoas, entre brasileiros e estrangeiros.

### **Programação e escala de horários das atividades do congresso**

Outro exemplo de como a organização foi constantemente permeada por negociações políticas no interior do campo da Antropologia pode ser visto na forma como foram formuladas as regras de submissão e aceite de trabalhos. Inicialmente, essas diretrizes foram criadas seguindo padrões identificados em outros congressos da área e tendo como principal propósito induzir o estabelecimento de diálogos internacionais. Assim, os painéis abertos precisavam, obrigatoriamente, ser coordenados por pesquisadores/as doutores/as, sócios/as da ABA ou da IUAES e vinculados/as a instituições de diferentes nacionalidades.

Logo no início dos trabalhos, quando o site foi aberto para as apresentações dessas propostas, recebemos uma série de reclamações de colegas brasileiros/as so-



bre a inacessibilidade do congresso, já que a nem todos os antropólogos brasileiros eram associados à ABA ou possuíam condições financeiras para arcar com os valores das inscrições em dólares. Isso gerou internamente uma movimentação para conseguir junto a ABA uma chamada extra para novos sócios e para criar formas de isentar ou diminuir as taxas.

Concessões também foram realizadas principalmente no cronograma de inscrição de atividades e nas normas de organização de seus horários. Essa foi a obrigação que mais exigiu da equipe no mês que antecedeu o evento. Pelo cronograma, após a comissão de programação ter estipulado as datas para cada atividade, os coordenadores deveriam entrar no sistema e distribuir as apresentações ou até mesmo solicitar alterações, quando necessárias. Quando estes não faziam essa atribuição de horários, o sistema aceitava automaticamente as seções escolhidas pela comissão de programação.

Apesar dessa rotina administrativa prever que a programação poderia ser fechada com meses de antecedência, na prática o trabalho se estendeu até o dia do congresso. Alguns dias antes da abertura, e muito tempo depois do prazo destinado às/aos coordenadoras/es para atribuírem data e horário as suas sessões, a secretaria recebeu a ligação de uma coordenadora de Painel Aberto solicitando a alteração da data de realização das sessões de apresentação em seu painel, justificando a excepcionalidade da necessidade de alteração. Depois de conseguirmos reorganizar os horários conforme solicitado, foi avisado que a alteração não constaria no programa impresso, pois este já tinha sido encaminhado para a gráfica. A coordenadora aceitou a proposta alegando que todos os que precisavam estar presentes eram do grupo envolvido no painel e ela se encarregaria de fazer o comunicado. A secretaria, por sua vez, divulgou online a alteração no Painel. Nos dias seguintes, contudo, a coordenadora entra novamente em contato, bastante descontente, dizendo que precisávamos alterar também o programa impresso, pois os pesquisadores de uma das sessões (todos oriundos de países orientais) não aceitavam a possibilidade de a sessão deles não constar corretamente nos programas em papel. Depois de muitas ligações e e-mails, a coordenadora brasileira entendeu que a melhor solução era manter a programação que já havíamos mandado para a gráfica também na realização do painel.

Essa demanda ilustra várias questões recorrentes na organização do congresso: o status dos/as pesquisadores/as envolvidos/as, a pouca familiarização com as dimensões culturais e numéricas de um evento dessa magnitude e, o que consideramos principal, nesse caso, o choque cultural entre os/as pesquisadores/as. Como o evento exigia apresentação de pesquisadores/as de países diferentes em todas as atividades, muitos grupos ou redes fechadas precisaram incorporar novos membros.

Assim, para o grupo de brasileiros/as que já se conheciam há mais tempo e tinham de longa data as redes onde podiam divulgar as alterações do painel, não ter o horário correto na programação impressa não era visto como um problema; no entanto, para o grupo de estrangeiros isso era algo completamente fora de questão.

Como muitos dos alunos que compunham a equipe eram estudantes de Ciências Sociais ou de Antropologia e, portanto, conheciam e admiravam alguns dos pesquisadores que faziam tais demandas, era inevitável que os acontecimentos descritos nesse tópico e no anterior despertassem uma série de reflexões sobre as relações de poder que permeiam o campo. Mais do que simplesmente evidenciar que a discussão sobre o outro por vezes não era feita dentro dos muros da academia, ou seja, evidenciar a dificuldade de relativizar a própria forma de fazer antropologia com outras instituições e políticas acadêmicas, também ficavam claras as hierarquias naturalizadas no campo e acionadas em momentos específicos por alguns pesquisadores para auferir maior destaque a suas trajetórias individuais. As solicitações de alteração das normas e os pedidos de concessões também evidenciaram o status que o pesquisador atribui a si mesmo – e que por vezes a própria organização do congresso endossava, ao acolher tais requisições.

Portanto, esse ambiente de trabalho também favorecia que os estudantes tomassem conhecimento das diferentes Antropologias mundiais e refletissem criticamente sobre como apenas uma parcela do campo, por saber agenciar certas redes, se torna hegemônica no cenário mundial. Por outro lado, a postura da comissão organizadora de expandir o congresso para um público que a princípio estava impossibilitado de fazer parte dele (estudantes, populações nativas, minorias étnicas, rede feminista) evidenciou como cada pequena tabela, cada resposta a e-mail e cada um dos dados estatísticos que produzimos para operacionalizar ou justificar as propostas da comissão organizadora tinham um grande potencial político para a construção do campo da Antropologia.

### **Produção textual: site, redes sociais e tradução**

Desenvolver habilidades em comunicação e elaboração de texto foi muito importante para todos/as da equipe. Inicialmente, tentou-se montar uma comissão de comunicação com profissionais da área para elaborar esse material. O trabalho consistia em alimentar os quatro sites do congresso, um para cada idioma: inglês, português, francês e espanhol. À medida que esse grupo perdeu alguns membros, passamos a fazer as atualizações apenas no site em inglês e em português. Os textos



começaram a ser elaborados pelos estagiários da secretaria e por professores da comissão organizadora, contando ainda com a ajuda da comissão de tradução.

Embora as publicações, tanto no site como nas redes sociais, fossem preferencialmente divulgadas nos dois idiomas mais usados pelo congresso, o inglês e o português, também tivemos forte comunicação em espanhol devido à grande presença de antropólogos latino-americanos no congresso. Nosso objetivo era alcançar o maior número de participantes, ao facilitar o entendimento de atividades, cronogramas e outros trâmites.

Além disso, também foi mantido um canal de comunicação através de redes sociais que nos ajudava a compreender algumas necessidades mais gerais dos congressistas, tais como apresentação de materiais no congresso, estadia e transporte em Florianópolis. Uma dessas demandas gerou a iniciativa da “Hospedagem Solidária”, desenvolvida com a finalidade de localizar anfitriões em Florianópolis que se disponibilizassem a receber visitantes em casa. Para fazer a comunicação entre essas pessoas, criamos um grupo no *Facebook*, reunindo todos os interessados. Assim, quando alguém mostrava disponibilidade em receber alguém e outra pessoa precisava de hospedagem, indicávamos um ao outro, para que pudessem combinar entre si como ficaria melhor a visita para ambas as partes.

Nossa equipe também contava com uma estagiária do curso de Letras – Inglês, Larissa Martins Lannes, que juntamente ao coordenador da comissão de tradução, Leonardo de Miranda Ramos, foi nossa principal consultora para a elaboração de textos e respostas mais complexas. Esses estudantes certamente tiveram um crescimento considerável em suas habilidades como tradutores ao longo dos meses de organização. As traduções elaboradas pela Larissa eram sempre elogiadas, nos e-mails, pela formalidade e gentileza de suas respostas e, durante o congresso, pelos auxílios que prestou em algumas traduções simultâneas.

Para além do conhecimento de outro idioma, essa tarefa exigiu de cada membro da equipe muito profissionalismo para responder com solicitude e gentileza às demandas, que nem sempre tinham esse tom. As redes sociais por vezes mascaram as relações, tornando-se um ambiente onde facilmente opiniões são expressas de forma violenta e descompromissada com a verdade. Enquanto representantes de instituições importantes da Antropologia como a ABA e a IUAES, tínhamos a obrigação de responder sempre que situações e mal-entendidos eram expostos de forma leviana em nossas redes sociais. Encontrar a melhor forma de fazer isso sempre foi um aprendizado coletivo e contínuo de controle das emoções e das formas de comunicação.



## Assessoria na obtenção de vistos

Desde a criação da Organização das Nações Unidas (1948-1949), o Brasil foi um dos incentivadores das relações diplomáticas não-secretas e do bilateralismo nas relações internacionais como base do progresso, da democracia e do desenvolvimento (SARDENBERG, 2013). Isso fazia com que a diplomacia brasileira seguisse a regra de emissão de visto para países que exigissem visto de brasileiros.

Nesse sentido, pensando nos trâmites legais a serem seguidos, a partir da exportação de dados preenchidos pelos/as próprios/as participantes no momento da inscrição, foi feito um levantamento de dados sobre embaixadas e regulamentação jurídica de cada um dos países com inscritos/as no congresso. Com base nas nacionalidades encontradas, elaboramos uma tabela com o idioma, a relação diplomática com o Brasil, a necessidade ou não do visto, além de endereço, e-mail e contato da embaixada ou do consulado brasileiro no país<sup>10</sup>. Para os países com enorme extensão territorial, como China, Índia, Estados Unidos da América, Rússia e Canadá, foi indicado mais de um consulado, tidos como pontos estratégicos, para submissão dos requerimentos de vistos.

A fim de agilizar essa demanda, a coordenação geral do congresso foi a Brasília para audiência com o Ministério de Relações Exteriores (Itamaraty) em busca de soluções. A ajuda do Itamaraty foi fundamental na obtenção de informações necessárias à carta convite e na agilidade em fornecer vistos a todos/as que dele necessitavam; uma lista com os nomes também foi encaminhada às comissões diplomáticas do Brasil em cada país de nacionalidade dos/as congressistas. Contudo, em função de peculiaridades da relação diplomática de cada país com o Brasil, as cartas e listas sofreram muitas atualizações e modificações. A divergência dos nomes dos inscritos foi um dos principais problemas. Em alguns países orientais, por exemplo, é comum adotar um nome ocidental para interagir mais facilmente no mundo acadêmico internacional; no entanto, ele nem sempre é reconhecido em seu país de origem e não consta no passaporte. Esse tipo de situação ocorreu com muitos/as congressistas de origem chinesa, indiana, africana, taiwanesa e tibetana. Além disso, havia casos como o da China, onde o/a pesquisador/a só recebe o passaporte depois de o governo autorizar a sua saída, dificultando a emissão da carta convite que seria usada para a obtenção de visto, já que o número do passaporte é um dado requisitado nela. A solução encontrada nesses casos foi de encaminhar a carta convite duas vezes para esses congressistas, uma com os dados exigidos pelo Estado chinês para autorizar a viagem do/da congressista, e outra, depois de obter o número de passaporte, com

<sup>10</sup> A tabela com essas informações ficou disponível para todos os congressistas no site em inglês: <[https://www.iuaes2018.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=599](https://www.iuaes2018.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=599)>.



os dados exigidos pelo governo brasileiro para conceder o visto. Esse tipo de solução exigiu trabalho dobrado pela secretaria, uma vez que todas as cartas precisavam de reconhecimento em cartório da assinatura da coordenadora geral do evento para aceite pelas embaixadas brasileiras no exterior.

Como pode-se imaginar, houve um intenso e contínuo trabalho nesse sentido, além do permanente diálogo travado nos mais diversos idiomas, usando como intermediário o inglês. Foram elaboradas mais de 600 cartas convites. Tais atividades proporcionaram uma experiência única aos membros da organização do evento, sobretudo aos/as estudantes do curso de Relações Internacionais. Isso porque, através do exercício dessas funções, foi possível ver, na prática, a realidade do Brasil no cenário internacional; isto é, se por um lado o grau de dificuldade (em termos de procedimentos burocráticos) dos/as participantes para a obtenção do visto evidenciava o tipo de relação que o Brasil mantém com os demais países, por outro lado essa relação também se traduzia em termos de aproximação cultural. Dessa forma, a equipe da secretaria foi colocada em meio a essas tensões sociais entre diferentes nacionalidades (ou mesmo entre regiões diferentes de uma mesma nacionalidade), o que possibilitou o aprimoramento de suas capacidades interpessoais internacionalmente.

## **ANÁLISE DOS ESPAÇOS DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA PRÁTICA**

Tendo descrito um pouco dos bastidores do trabalho da secretaria na organização do 18 ° Congresso Mundial da IUAES, trazemos a seguir algumas ponderações que cada membro da equipe de bolsistas elaborou sobre os aprendizados proporcionados por essa experiência. Trata-se, portanto, menos de uma análise coletiva e mais das subjetividades nesse processo; uma vez que cada um tenta, a partir de seus diferentes graus de formação, elaborar reflexões sobre a teoria vista em aula e sua relação com a experiência prática no projeto de extensão. Para evidenciar a polifonia dessas falas, destacamos em citação recuada os depoimentos individuais.

### **Da insegurança à autonomia: um aprendizado coletivo e compartilhado**

Como já mencionamos anteriormente, vários/as bolsistas e estagiários/as passaram pelo projeto durante o ano de 2018. Cada novo membro, portanto, precisava ser inserido na rotina de trabalho de forma rápida e proativa. Para que isso ocorresse, toda a equipe era envolvida. A estratégia adotada foi inserir todos/as os/as bolsistas



em uma sala coletiva de trabalho, de forma que, após receber sua primeira tarefa, o novo membro já participasse de todas as discussões e demandas que surgissem durante o dia, e pudesse solicitar auxílio à professora que os acompanhava naquele momento ou ao/à colega da mesa ao lado.

Outra forma de tentar fazer com que todos/as soubessem o que cada um estava fazendo e quais eram as prioridades do dia foi a criação de uma tabela na qual cada função era especificada no início do dia e o/a próprio/a estudante marcava o que conseguia resolver. Na grande maioria das vezes essa distribuição das atividades era realizada pela professora responsável, mas os/as estudantes também poderiam solicitar ajuda aos/às colegas em alguma demanda, se precisassem.

Além disso, realizamos reuniões semanais, quando cada um podia compartilhar quais foram suas principais atividades, dificuldades e soluções encontradas. Essas reuniões quase sempre estavam acompanhadas de muito café e alimentos; não raro, almoçamos todos/as juntos/as na sala em anexo. Esse talvez tenha sido o ambiente que mais proporcionou a confiança que a equipe precisava para conseguir desenvolver a autonomia necessária na tomada das decisões. Conhecendo os/as colegas e as reações que teriam ou as contribuições que poderiam dar, era mais fácil se sentir à vontade para perguntar, sugerir e até mesmo tomar alguma decisão quando necessário.

Na sequência, apresentamos alguns relatos sobre o processo de inclusão de novos membros:

A oportunidade de atuar em uma bolsa concedida pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) surgiu quando eu estava concluindo o primeiro semestre da graduação em Antropologia na UFSC. A bolsa visava aos trabalhos da secretaria geral do 18º Congresso Mundial de Antropologia. Comecei as tarefas solicitadas com muita insegurança, mesmo tendo muita curiosidade e interesse em participar da organização do congresso. Eu era apenas uma aluna do primeiro semestre da graduação em Antropologia e aproveitei a oportunidade para atuar principalmente em demandas que envolviam a comunicação e divulgação do evento, o contato com congressistas e a organização de materiais para o congresso. Atividades que continuei a exercer nos meses que se seguiram ao congresso (Maria Luiza Scheren, brasileira, estudante de da 2ª fase de Antropologia na UFSC).

Maria Luiza Scheren expressa a ambiguidade entre saber e não saber lidar com novas situações – o que a secretaria do congresso exigia de toda a equipe de bolsistas – sentimento também expresso por Ivi Porfírio.

Quando me inscrevi na monitoria do 18º Congresso Mundial da IUAES, não fazia ideia sobre do que se tratava o congresso, pois recém estava completando a 1ª fase em Ciências Sociais e tinha feito até então apenas a matéria de Introdução a Antropologia. Nesse momento, não percebia a magnitude do congresso. Por não ter conhecimentos sobre o que tratava o evento,



quase desisti de integrar a monitoria, mas ao participar em uma das reuniões de monitores compreendi que essa oportunidade seria única para minha formação. A partir desse dia, a minha motivação só aumentava. Por não ter um conhecimento prévio sobre o que ocorreria no evento, participei apenas como monitora de um Open Panel, OP 091. Feminismos Globais e Queer - Reflexões de Gênero e Sexualidade sobre Globalização, Neoliberalismo e Desenvolvimento. Mas a apresentação que me interessava acabou não acontecendo; apesar disso, continuei assistindo as outras apresentações, e nessas apresentações acabei conhecendo apresentadores/as, aos/às quais elogiei seus artigos. Conversamos bastante e, no fim do evento, tive a oportunidade de levar eles para conhecer uma casa noturna alternativa de Florianópolis. Acho improvável ter novamente uma oportunidade semelhante nos próximos anos de meu curso de graduação (Ivi, brasileira, estudante de Ciências Sociais).

Ao longo do processo de preparação ao congresso, desenvolviam-se práticas cada vez mais autônomas na resolução dos problemas que se apresentavam. Nos dois casos acima, ambas as estudantes estavam no primeiro semestre de graduação de seus respectivos cursos. Aos poucos, no entanto, a partir do convívio com os demais colegas com diferentes níveis de experiências, foram construindo um conhecimento coletivo que trazia segurança para o trabalho de ambas e as inseriu em um ambiente de aprendizado mais horizontal. A autora do primeiro relato se tornou a principal responsável pelas comunicações via *Facebook* e site no mês que antecedeu o evento; e a segunda teve sua atuação como monitora muito bem avaliada por suas supervisoras e passou, no momento seguinte ao congresso, a atuar na secretaria e ser parte importante da administração dos artigos enviados para a composição dos anais e da entrega de certificados.

### **Participar das atividades da secretaria como processo de aprendizado**

Além da autonomia, o trabalho no projeto proporcionou que conhecimentos anteriores, práticos e acadêmicos, fossem constantemente acionados para a execução das atividades propostas. No cotidiano da secretaria, emergiram habilidades em diversas áreas como conhecimento de línguas, sistemas de informática, design gráfico e produções textuais. Muitas ideias e soluções para problemas práticos eram descobertas nas conversas e trocas realizadas durante o cafezinho do grupo. Todo tipo de conhecimento se tornava colaboração e solução. Vejamos como uma das estudantes descreveu essa descoberta:

Ingressei como parte da secretaria da IUAES no fim do segundo semestre como graduanda de Ciências Sociais, primeiro semestre letivo de 2018. No início, eram trabalhos aleatórios e demandas urgentes, até o momento em que nossas habilidades de escrita e conhecimento nas mais diversas áreas (não só de nossa graduação) foram reconhecidas. No meu caso,



por exemplo, foram a agilidade na construção e administração de dados de planilhas, arquivos e na tradução de e-mails na língua inglesa, tarefas onde pude desenvolver melhor minhas habilidades. De fato, nunca me dei conta de que tinha estas habilidades ou até mesmo que minhas horas gastas em eletrônicos seriam úteis em um congresso mundial. Em integração com a secretaria, fui chamada para auxiliar outra comissão organizadora, nas Experiências Antropológicas, com a função de administrar os dados e inscritos em cada uma das 21 experiências oferecidas pelo congresso. Por ser uma atividade que envolvia dezenas de pessoas, acabei fazendo parte desta comissão organizadora de grandes proporções. (Gabriela, brasileira, estudante de 3ª fase Ciências Sociais).

Cada estudante foi percebendo, no decorrer do processo, o quanto eram fundamentais as experiências e os conhecimentos anteriores para o desenvolvimento coletivo do trabalho, e sobretudo para encontrar possibilidades de resoluções para as demandas surgidas na organização. Esses relatos são importantes para a nossa equipe, porque foi através deles que elaboramos a reflexão de que o ensino não é uma forma mecânica de transmissão de conhecimento oral ou escrito. Também foi a partir desses relatos que nos demos conta de que o projeto de extensão proporcionou uma melhor compreensão de como a prática e o convívio com o outro permitem construir o conhecimento de forma coletiva.

Frequentemente, levantavam-se discussões e aprendizados teóricos – obtidos pelos/as estudantes em sala de aula – que serviam para a resolução de problemas práticos. Maria Luiza, por exemplo, relaciona a discussão que tivemos sobre aprendizagem compartilhada com conceitos trabalhados na disciplina de Antropologia da Educação que estava cursando:

Como já mencionado, o espaço de participação coletiva é criado e ainda assim, guiado. Os objetivos e metodologias abriam espaço para discussões, mas ainda assim existem parâmetros e concepções nas quais nos baseamos para desenvolver o nosso trabalho. Essa possibilidade de desenvolver certa autonomia dentro do que é orientado pelos responsáveis do projeto, faz pensar o conceito de educação da atenção, apresentado por Ingold (2010). Existem rotas com sinalização de como proceder, porém, o conhecimento é constituído conforme se percorre esse trajeto fazendo a própria interpretação do que é sinalizado, logo, o aprendizado não se trata do conhecimento comunicado, mas sim do conhecimento que se obtém ao se considerar o que é orientado (INGOLD, 2010, p.19), (Reflexões teóricas de Maria Luiza Scheren, brasileira, estudante de 2ª fase de Antropologia).

Além do aprendizado coletivo da autonomia, a necessidade de sair da zona de conforto linguístico para entender e se fazer entender nos encontros proporcionados pelo congresso facilitou a descoberta de habilidades linguísticas e de contato cultural, que até então eram desconhecidas ou consideradas sem serventia. Dois relatos são particularmente reveladores da importância que o choque cultural e, principalmente, linguístico teve nessa descoberta.



Um exemplo de como percebi minhas habilidades comunicacionais foi no guichê da secretaria onde eram providenciados vários tipos de auxílio como: o cadastramento dos participantes que efetuaram o pagamento de sua inscrição no momento do credenciamento, resolução de dúvidas quanto ao congresso, venda de passes do restaurante universitário e jantar por adesão, explicações sobre especificidades da cultura brasileira para os estrangeiros etc. Havia duas filas, uma para estrangeiros e outra para brasileiros. Todos nós falávamos inglês e espanhol, alguns bem, outros nem tanto. No momento em que era perceptível que nossa tentativa de comunicação não estava sendo compreensível, era necessário localizar algum de nossos colegas para que o mesmo pudesse traduzir e facilitar o diálogo. E quando não havia ninguém para agilizar nossos esclarecimentos, o método mais utilizado era a mímica. Apesar do Brasil ser composto por muitos migrantes que chegaram ao nosso país em diferentes momentos e incentivados por variadas políticas de migração, no momento do contato com o outro ficava visível a identidade brasileira. A relação nós x outro, estava sempre posta e por conta disto, era inevitável observar as diferenças étnicas comparando com os indianos, chineses, italianos, alemães, poloneses, dentre outros presentes no congresso. Além do idioma, os trajes coloridos e exuberantes das indianas nos chamavam a atenção, a simpatia das chinesas, a curiosidade nos olhos dos alemães foram algumas formas marcantes de diferenças culturais que notei durante o evento. Um exemplo desta interetnicidade é a forma como nós brasileiros cumprimentamos um ao outro, um beijo no rosto seguido de um abraço é uma das características marcantes do que é fazer parte desta cultura. Herdado do colonizador português, o “homem cordial” nomeado pelo autor de *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda, foi uma das atitudes que mais causaram espanto e curiosidade por conta da “[...] lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro [...]”. (HOLANDA, 1995, p. 146) (Gabriela, brasileira, estudante de 3ª fase de Ciências Sociais).

A reflexão de Gabriela a introduz em um importante debate dentro das ciências sociais: a construção do conhecimento sobre a diversidade e a alteridade. É claro que, em um primeiro momento, o que salta aos olhos de nossa equipe e dos congressistas que vieram para o Brasil são os sinais diacríticos que reforçam as diferenças constitutivas de cada nacionalidade ou etnia. Por sinais diacríticos, nos referimos, assim como Barth (2011), às diferenças entre si que os próprios atores consideram como significativas. Embora as diferenças possam mudar, permanece a dicotomia entre “eles” e “nós”, marcada pelos seus critérios de pertencimento. Barth enfatiza que grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras empregadas pelos próprios atores; conseqüentemente, têm como característica organizar as interações entre as pessoas.

Os/as antropólogos/as presentes no 18º Congresso Mundial da IUAES não estão fora de sua cultura. Conseqüentemente, as interações foram marcadas pelo frequente acionamento desses sinais, tanto pela organização do evento, ao fazer questão da presença de feiras indígenas, atividades culturais e religiosas que evidenciaram a diversidade étnica brasileira para os visitantes; quanto por nossos visitantes, que não



hesitaram em expressar suas diferenças pelos trajes e pelas exposições que trouxeram para o congresso.

A forma como esses encontros, estranhamentos e trocas se dava também fica evidenciada no relato de Ivi.

Tive a oportunidade de socializar meus conhecimentos com estudantes de cursos que difere totalmente da minha realidade acadêmica, como Gastronomia, Nutrição, Enfermagem, Letras e Pedagogia, que também atuavam no congresso no setor de monitoria. Ao decorrer do evento, os congressistas, conversavam e buscavam informações conosco, não apenas do evento, mas também sobre a cidade, como câmbios, paradas de ônibus, hotéis, pontos turísticos entre outras informações. Esses momentos foram desafiadores, pois uma grande parte dessas pessoas não falava português. Foi nesse momento que eu senti na pele o que o título do congresso nos diz “Mundo de Encontros”. Uma dessas situações me marcou bastante e imagino que tenha marcado a todos os presentes. Um homem indiano, que apesar de entender que não falávamos fluentemente inglês, ficou falando com a nossa equipe por cerca de duas horas e meia. Foi um diálogo que cativou e integrou toda a equipe. Como ali tinha pessoas que realmente não falavam inglês, as palavras iam passando de um por um, em busca de tentar entender o que o homem estava nos falando. Ele descrevia sua cultura, suas crenças e seu modo de vida. Apesar das dificuldades conseguimos compreender boa parte do que ele nos falou (Ivi, brasileira, estudante de 2ª fase de Ciências Sociais).

O congresso recebeu inscrições de antropólogos/as de 92 nacionalidades diferentes, das quais 54 compareceram. Inevitavelmente, o amplo contato com pessoas de todo o Brasil e do mundo teve um impacto considerável na reflexão teórica das/os jovens estudantes.

Como já foi descrito em tópicos anteriores, atendíamos a dúvidas e solicitações via e-mail e telefone, de participantes brasileiros/as e estrangeiros/as, nos meses de organização. Nessa fase, o estranhamento se dava em termos da dificuldade com a língua e com as exigências de diferentes estruturas de instituições acadêmicas, que necessitavam de suportes e documentos desconhecidos para a realidade brasileira. Durante o congresso, novamente o idioma foi um grande diferenciador entre os grupos, mas também todos o eram os aspectos visuais que expressavam essas diferenças. Para alunos de Ciências Sociais e Antropologia, ter a oportunidade de experimentar tal processo de estranhamento é de valor inestimável. O relato seguinte talvez seja o que mais expressa a importância dessa experiência por proporcionar um exercício de observação e de articulações teórico-metodológicas por parte dos estudantes de antropologia.

Permito-me discorrer sobre meu ingresso na equipe como esta experiência tornou-se uma experiência de campo antropológico. Desde o momento em que a coordenação do projeto entrevistou-me, no processo de seleção, para formar parte da equipe, ficou claro que seria um trabalho onde



se articularam vários saberes, não exclusivamente pertencentes a um viés teórico antropológico. Os e as estudantes que participaram do processo educativo pedagógico para organizar o 18º congresso da IUAES, viveram esta experiência como parte de um processo de aprendizado etnográfico, que se tornou muito significativo para todos/as.

Entendemos etnografia como um processo de aprendizagem onde o/a antropólogo/a mergulha com predisposição de aprender, observando, educando sua atenção e aprendendo dentro do seu campo. Nem sempre sabendo que já está em campo como ensina Ingold “Pois observar não é objetificar; é atender as pessoas e coisas, aprender com elas, e acompanhá-las em princípio e prática. Com efeito, não pode haver observação sem participação – ou seja, sem uma composição íntima, na percepção como na ação, entre observador e observado” (INGOLD, 2016, p. 108). Colocando etnografia não só como um processo de escrita na qual se realiza uma extraordinária descrição narrativa onde interagem pontos relevantes enxergados pelo/a antropólogo/a, mas sim um fazer etnográfico que está ali entanto existe aprendizagem, o/a estudante de antropologia previamente carregado de uma bagagem teórica acumulada no seus anos de estudo - dificilmente existe uma etnografia que não carrega um mínimo de teoria - se adentra no lugar, em outras palavras, o que aqui é manifestado é que a etnografia está acontecendo quando o/a pesquisador/a está aprendendo junto com seu objeto de pesquisa, quando é educado/a.

Encontramos também neste “campo” as análises que apontam para o fato de que a etnografia está cada vez mais difusa e que ela muda e se amplia segundo o antropólogo ou acadêmico que a escreve. Como aponta Mariza Peirano (2014) “as concepções do que é etnografia variaram. Arte, para Evans-Pritchard, fonte de comparação, para Radcliffe-Brown, origem da teoria etnográfica, para Malinowski, hoje é o método genérico da antropologia” (PEIRANO, 2014).

De meu ponto de vista, para nós estudantes de antropologia em formação, nenhuma atividade que inclua relações carregadas de aprendizagem com outros sujeitos é vista sem um valor a ser etnografado e mais ainda numa atividade que representou meses de intenso aprendizagem e criação de vínculos. (Dario, estudante de 8ª fase de Antropologia).

Por fim, concluímos essa parte com a reflexão de Maria Luiza:

Trabalhar na secretaria e organização de um evento nas dimensões de um congresso da IUAES, é ter a oportunidade de ver e entender a antropologia na prática. Atuamos na organização de um evento mundial da nossa área e esta foi uma oportunidade única para os/as alunos/as dos semestres iniciais da graduação em Antropologia, Ciências Sociais e áreas afins interessados em antropologia. A possibilidade de trabalhar coletivamente, não só com colegas destes cursos, mas também com professores/as e profissionais destas áreas, fez com que cada um/as refletisse a sua maneira sobre, como se constrói o conhecimento. Vivemos a experiência de uma construção de saberes e aprendizados compartilhados de várias formas, diferente do modelo mais presente em nossa formação, de aprendizado unilateral, onde apenas os/as professores/as ensinam e os/as alunos/as aprendem. Convivendo com professoras e professores ligados a diferentes comissões aprendemos trabalhando juntos/as, sem hierarquias (Maria Luiza Scheren, brasileira, estudante da 2ª fase de Antropologia).

Os relatos acima demonstram como a aprendizagem se estabeleceu na inte-



ração entre os/as participantes, não no ato individualizado. A distribuição do conhecimento se produz conforme as interações acontecem dentro de um contexto e através de ações sociais práticas (ALMEIDA, 2014). A colaboração entre os membros da equipe se deu através de experiências, habilidades e influências obtidas fora do espaço do congresso, mas que contribuíram significativamente para a produção coletiva.

Segundo a releitura das teorias construcionistas de Piaget e Vigotski feita pelo Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação (GEEMPA, 2010), o conhecimento se constrói e não é captado de fora para dentro; ele é incorporado à dimensão social presente nos fenômenos da aprendizagem. Como afirma Esther Pillar Grossi em entrevista para a revista do Instituto Humanas UNISINOS, aprender é mais do que estar informado, “aprender é raciocinar, selecionar informações para estabelecer juízos e raciocínios” (GROSSI, 2008).

Podemos também relacionar a aprendizagem no projeto de extensão com os conceitos de participação periférica legítima e aprendizagem situada, propostos por Jean Lave e Etienne Wenger (1991). Para os autores, ao falarmos sobre participação periférica legítima, devemos considerar que o domínio do conhecimento e a destreza exigem plena participação sociocultural dos estudantes em uma comunidade. Para que o processo de aprendizagem seja legítimo, ele deve, então, levar em consideração essas vivências externas ao ambiente de ensino (LAVE, WENGER, 1991).

Entendemos também que a crescente autonomia alcançada por cada um/a ao longo do processo foi um aprendizado situado, ou seja, um “aprender fazendo”, que acontece rotineiramente em função das atividades realizadas, nos diferentes meios sociais e culturais nos quais se vive. Segundo Gudolle, Antonello e Flach (2012), a aprendizagem pode ser construída a partir das práticas de trabalho e das formas como os aprendizes adquirem práticas e se relacionam com os mais experientes no ambiente de trabalho.

Nesse contexto, a pedagogia não-diretiva, fundamentada por Georges Snyders (1971) e atualmente sustentada pelo linguista e filósofo Noam Chomsky, torna-se realidade a cada vez que éramos acionados a tomar uma importante decisão – por exemplo, ao responder a um e-mail de um alto *chair* da IUAES, da WCAA ou da ABA – ou quando precisávamos decidir sobre qual seria o tratamento adequado a um/a colega congressista que viajou milhares de quilômetros para fazer marco na história do congresso.



## A formação teórica no campo das Antropologias Mundiais

Uma preocupação que antecedeu e acompanhou a organização do congresso foi a formação da equipe que atendia na secretaria; para isso, foram criados encontros periódicos que ficaram conhecidos como “seminários da secretaria”. De frequência quinzenal, os seminários tinham duração prevista de uma hora, normalmente entre 13h e 14h. Os/as facilitadores/as de cada edição eram previamente escolhidas/os, assim como o tema e o/a autor/a a serem trabalhados, o que permitia realizar a divulgação com antecedência.

Os seminários tinham como foco refletir sobre as dinâmicas socioculturais, políticas e de poder que permeiam a produção antropológica. Assim como Gustavo Lins Ribeiro e Arturo Escobar (2012) têm tentado re-historicizar a Antropologia, nós também buscamos a substituição das antropologias hegemônicas, produzidas dentro do contexto colonial, por antropologias heteroglóssicas, ou seja, que contemplem a diversidade social (gênero, regionalidade, classe, etnia) dos contextos específicos de sua produção. Aqueles autores igualmente buscaram contextualizar as antropologias que derivam dos novos desafios impostos à disciplina: diversificação de tecnologias informacionais, intensificação das migrações as novas relações entre nativos e pesquisadores. Nesse sentido, os/as alunos/as envolvidos/as no projeto foram orientados/as a identificar entre os/as congressistas autores/as de renomes locais em diferentes contextos geopolíticos para comporem o programa de leitura dos seminários da secretaria.

A metodologia de pesquisa e apresentação dessas outras histórias da Antropologia foi criada por Leonardo de Miranda Ramos, principal idealizador e pesquisador dos autores estudados. Os seminários tinham um papel pedagógico inovador para a formação em História da Antropologia sob uma perspectiva decolonial e feminista, buscando aprimorar e inovar o referencial teórico sobre gênero, raça e classe (RAMOS, 2018). Até o final do segundo semestre de 2018, foram apresentados nos seminários autores/as como: Gloria Wekker, Amita Baviskas, Faye Harrison, Mara Viveiros Vigoya, Mwenda Ntarangwi, Suzana Rostagnol, Soheila Mirshams Shahshahani, Kabengele Munanga e Patrícia Castañeda. A revisão dessas obras também foi elaborada por Ramos (2018) na apresentação acima mencionada.

Segundo Faye Harrison (2016), o campo antropológico tem se dado conta de que o conhecimento é possível além das epistemologias do Norte e as abordagens críticas estão se abrindo para uma gama mais ampla de pensadores, reconfigurando e democratizando a teoria antropológica. Seguindo a proposta de colocar em diálogo as Antropologias do Sul Global, o projeto de seminários da secretaria buscou abran-

ger diferentes autoras/es e discussões que ajudam a tecer o diálogo de uma “era pós antropológica, onde não existe uma única antropologia” (RAMOS, 2018, p. 5).

Assim, a ideia de apresentar essas diferentes formas do fazer antropológico buscava proporcionar diferentes referências para estudantes em formação, fora de um eixo hegemônico de produção de conhecimento. Entendemos, portanto, que os seminários proporcionaram essa abertura e a democratização das teorias estudadas, encorajando diálogos inter-hemisféricos, que além de dar o suporte anterior ao congresso, possibilitaram também a abertura de diálogos sobre diferentes vertentes da disciplina, cumprindo com o seu objetivo pedagógico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que as práticas desenvolvidas no projeto de extensão permitiram o exercício de aprendizado descrito pelas teorias pós-construtivistas. O projeto proporcionou o protagonismo do/a estudante no processo de aprendizagem, estimulando o seu discernimento sobre a postura que deveria adotar frente a cada situação nova que lhe era apresentada. Mais do que informar sobre as Antropologias Mundiais, o congresso permitiu ao/à estudante elaborar seus próprios julgamentos, reflexões e formas de ação dentro desse campo do conhecimento em específico. Tais habilidades não se restringem às informações obtidas durante o congresso, mas poderão ser aplicadas novamente no futuro.

Além disso, a extensão, como um dos tripés da formação universitária, proporciona não só a visibilidade e a representatividade da universidade para a comunidade, mas também o inverso: a apropriação de uma aprendizagem coletiva e a inclusão social, com um compromisso socialmente permeável na relação entre a teoria e a práxis. Mais do que aprender, extensão significa deixar aprender.

A extensão é também a identidade crucial de uma educação popular. A pedagoga Maria Lúcia de Arruda Aranha (2010) considera que a educação popular, antes de tudo, deve ser universal, leiga, gratuita e, portanto, de competência do Estado. Deve ser oferecida de maneira não-elitista, de forma que o próprio povo deve se tornar o sujeito do processo. A democratização da educação passa como um princípio necessário em todo e qualquer Estado democrático e de direito, pois a educação é um elemento de Estado.

Esse congresso teve como alicerce a visibilidade da Antropologia produzida no Sul Global e, por conseguinte, a inclusão de congressistas oriundos/as de países



do Sul Global. Internamente, isto é, no Brasil, essa integração teve a pretensão de albergar a camada periférica do universo acadêmico, ou seja, desde a/o estudante nos primeiros anos de sua graduação até a recém-doutora ou recém-doutor. A extensão foi a ponte mais concreta entre o objetivo dessa inclusão e sua efetividade. No decorrer do texto, argumentamos que o congresso se configurou como uma atividade de extensão e serviu como base para a formação de jovens estudantes e para a democratização do ensino superior.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Elizabeth Guzzo de. Aprendizagem situada. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, [s.l.], v. 7, n. 1, 31 jul. 2014. Quadrimestral. Faculdade de Letras da UFMG. <http://dx.doi.org/10.17851/1983-3652.7.1.177-184>. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/6097>>. Acesso em: 8 out. 2018.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Editora Moderna, 2010.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FE-NART, Jocelyne. **Teorias de Etnicidade**. 2º ed. São Paulo: Ed Unesp, 2011.
- CLIFFORD, James. **A experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- DYPE SOLUÇÕES. Disponível em: <<https://www.dype.com.br/>>. Acesso em: 5 nov. 2018.
- GEEMPA (Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação). **Aula-entrevista: caracterização do processo rumo à leitura e à escrita**. Porto Alegre: GEEM-PA, 2010.
- GEEMPA (Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação). **Site**. Disponível em: <<https://geempa.com.br/>>. Acessado em: 15 out. 2018.
- GROSSI, Esther Pillar. O método pós-construtivista. [Entrevista concedida a] Márcia Junges e Patricia Fachin. **Revista do Instituto Humanitas UNISINOS**. Online, edição 281, 10 novembro de 2008. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2304&](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2304&)>. Acesso em: 04 nov. 2018.
- GUDOLLE, Lucas Socoloski; ANTONELLO, Claudia Simone; FLACH, Leonardo. Aprendizagem situada, participação e legitimidade nas práticas de trabalho. **Ram – Revista de Administração Mackenzie**, [s.l.], v. 13, n. 1, p.14-39, fev. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-69712012000100002>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712012000100002&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712012000100002&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em: 8 out. 2018.
- HARRISON, Faye. Theorizing in ex-centric sites. In. **Anthropological Theory**, v. 16, n. 2-3, p. 160–176, 2016.
- HOLANDA, Buarque Sérgio. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**. Porto Alegre, v. 39, n. 3, 2016, p. 404-411.
- INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, abr. 2010.
- INTERNATIONAL UNION OF ANTHROPOLOGICAL AND ETHNOLOGICAL SCIENCES. IUAES. **Site oficial**. Disponível em: <<https://iuaes.org/index.html>>. Acesso em: 22 out. 2018.



IUAES 2018 Brasil World of Encounters. Registration Tutorial for 18<sup>o</sup> IUAES World Congress Brasil. **Youtube**. Publicado em 08 de jan de 2018. 3min e 33s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4lMmwC1JWas&t=11s>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

IUAES 2018 Brasil World of Encounters. IUAES 2018 - Where are the submission forms? **Youtube**. Publicado em 23 de fev de 2018. 27s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bn1elqAyoH8>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

LAVE, Jean. WENGER, Etienne. **Aprendizaje Situado. Participación Periférica Legítima**. Nova York: Cambridge University Press, 1991.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

RAMOS, Leonardo de Miranda. **Outros olhares sobre a história da antropologia: experiências pedagógicas de formação na preparação do 18th IUAES World Congress**. Trabalho aceito no GT 54 Políticas, etnografias e campos da extensão universitária na antropologia brasileira, coordenado por Luciana de Oliveira Chianca (UFPB), na 31<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF (no prelo).

RIBEIRO, Gustavo Lins & ESCOBAR, Artur (Org.). **Antropologias Mundiais: transformações da disciplina em sistemas de poder**. Brasília: Editora UnB, 2012.

SARDENBERG, Ronaldo Mota. **O Brasil e as Nações Unidas**. Brasília: Ed. Ideal, 2013.

SNYDERS, Georges. **Pedagogia Progressista**. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Site**. Disponível em: <<http://estrutura.ufsc.br/>>. Acesso em: 22 out. 2018.

18th IUAES World Congress Secretariat web page. **Orientations and Contacts for Embassies** Disponível em: <[https://www.iaes2018.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=599](https://www.iaes2018.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=599)>. Acesso em: 5 nov. 2018.

18th IUAES World Congress Secretariat web page. **Anais do congresso**. Disponível em: <[https://www.pt.iaes2018.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=766](https://www.pt.iaes2018.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=766)>. Acesso em: 5 mar. 2018.

Recebido em: 21/10/2019

Aceito para publicação em: 10/06/2019

